

PARÁBOLAS SOBRE O FIM DOS TEMPOS

O “discurso no monte das Oliveiras”, que teve início no capítulo 24, continua neste capítulo. Falando ainda aos Seus discípulos, Jesus contou mais três parábolas sobre o fim dos tempos: a parábola das dez virgens (25:1–13), a parábola dos talentos (25:14–30) e a parábola das ovelhas e dos cabritos (25:31–46). Esta última parábola geralmente é chamada de “A Cena do Juízo Final”. Todas as três enfatizam a importância de se preparar adequadamente para a segunda vinda de Cristo. Elas também são exclusivamente registradas no Evangelho de Mateus.

A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS (25:1–13)

¹Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. ²Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes. ³As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; ⁴no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. ⁵E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram. ⁶Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saí ao seu encontro! ⁷Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. ⁸E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando. ⁹Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o. ¹⁰E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta. ¹¹Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta! ¹²Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. ¹³Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.

Versículo 1. A primeira parábola diz respeito à necessidade de estar sempre pronto para a volta do Senhor, pois ninguém sabe quando será a Sua vinda. A parábola começa com a frase **o reino dos céus será semelhante a**. Jesus costumava introduzir parábolas do reino com esse tipo de linguagem (13:24, 31, 44, 45, 47; 18:23; 22:2).

Aqui Jesus comparou o reino a **dez virgens** que iam acompanhar o noivo quando ele chegasse. “Dez” era um número significativo no judaísmo e é um número compatível com esta história. O termo “virgens” (παρθένος, *parthenos*) é a mesma palavra usada para descrever Maria no momento da concepção miraculosa (1:23; Lucas 1:27). As virgens desta parábola representam os seguidores de Jesus. Nas parábolas anteriores e posteriores a esta, o Senhor ensinou Seus discípulos a vigiarem usando exemplos masculinos (24:45–51; 25:14–30). Aqui, Ele ilustrou o princípio usando exemplos femininos. Várias ilustrações de Jesus incluem atividades masculinas e femininas (6:26, 28; 11:17; 24:40, 41).

As virgens, talvez semelhantes às modernas damas de honra, eram uma tradição cerimonial. Contudo, como disse o comentarista Leon Morris, nosso conhecimento das antigas cerimônias nupciais judai-

cas é incompleto¹. O versículo diz que elas **saíram a encontrar-se com o noivo**², mas não especifica o local onde elas esperavam. Sugerem alguns que as virgens estavam esperando na casa do noivo. Por exemplo, com base nas informações obtidas sobre os costumes judaicos daquela época, conjectura-se que o noivo teria ido até a casa do sogro para ali receber a noiva. Ele deixava em casa um grupo de virgens que deveriam sair com lamparinas ou tochas ao encontro dele assim que ele chegasse. A função delas era escoltá-lo para dentro da casa³.

Outros supõem que as virgens aguardavam com a noiva na casa dela. Quando o noivo chegasse para acompanhar a noiva até a casa dele para a realização da festa de casamento, as dez virgens se uniriam ao cortejo cerimonial⁴. Embora qualquer dessas opções seja possível, a localização exata não é um elemento crucial para a compreensão do significado da parábola. A ideia principal é que elas estavam esperando para se juntar à festa de casamento, honrando o noivo.

A imagem de uma noiva tem suas raízes no Antigo Testamento. Várias passagens descrevem Deus como o marido e Israel como Sua mulher (Isaías 54:4–8; 62:4, 5; Ezequiel 16:6–14; Oseias 2:19, 20). Semelhantemente, no Novo Testamento, Jesus é o noivo e a igreja é Sua noiva (9:15; 22:2; João 3:29; 2 Coríntios 11:2; Efésios 5:25–32; Apocalipse 19:7, 8; 21:2). Embora a imagem da noiva não seja detalhada nesta parábola, pode-se dizer que ela representa Cristo.

As festas de casamento eram tipicamente realizadas na casa do noivo, e costumavam acontecer à noite (25:6). Considerando que era esse o caso, as virgens **tomarem as suas lâmpadas** para exibí-las no cortejo cerimonial. A palavra grega traduzida por “lâmpadas” (λαμπάς, *lampas*) pode se referir a “tochas” (João 18:3). Existe outro vo-

cábulo, *λύχνος* (*luchnos*), que significa lâmpada pequena a óleo para uso doméstico (veja os comentários sobre 5:15). As “tochas” nessa ocasião podiam consistir de panos crus amarrados firmemente a longas hastes; os panos eram embebidos de azeite, permanecendo acesos por um tempo razoável. Outra possibilidade é que as “tochas” fossem lâmpadas a óleo acesas na extremidade de hastes. John Lightfoot citou uma antiga declaração atribuída ao rabino Salomão:

É moda no país dos ismaelitas levar a noiva da casa de seu pai à cada do noivo antes que ela se deite; e carregar na frente dela cerca de dez varas de madeira, tendo cada uma em sua ponta um recipiente semelhante a um prato, no qual há um pedaço de pano com óleo e piche: estes, uma vez acesos, são carregados adiante dela como tochas.⁵

Versículo 2. Jesus disse que **cinco dentre elas** [as dez virgens] **eram néscias, e cinco, prudentes**. Os termos “néscias” (μωρός, *moros*) e “prudentes” ou “sábias” (φρόνιμος, *fronimos*) também são usados em Mateus para descrever dois tipos de construtores (7:24, 26). Neste caso, as dez virgens eram um grupo misto. Metade delas eram discípulas fieis, e a outra metade não. Esses números são simplesmente uma parte da história; não refletem que porcentagem de crentes serão julgados fieis ou infieis quando Cristo vier outra vez.

Versículo 3. Por que cinco virgens foram chamadas de “néscias”? Elas não se prepararam adequadamente para o possível atraso da chegada do noivo. Tinham **lâmpadas**, porém **não levaram** uma porção extra de **azeite consigo**. Numa parábola anterior, um servo mau (24:48–50) não se preparou para a volta de seu senhor; as virgens néscias não pensaram na possibilidade de um longo atraso⁶.

Versículo 4. As outras cinco virgens foram chamadas de “prudentes” (“sábias”; NVI) porque não só levaram azeite suficiente para manter as lâmpadas acesas, mas também levaram **vasilhas** com mais **azeite**. Embora não fosse conveniente, essas jovens fizeram o que era necessário. Elas sa-

¹Leon Morris, *The Gospel According to Matthew*, Pillar Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, p. 620.

²Alguns manuscritos antigos acrescentam “e a noiva”, mas isto complica ainda mais a imagem. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2a. ed. Stuttgart: German Bible Society, 1994, pp. 52–53.

³J. W. McGarvey, *The New Testament Commentary*, vol. 1, *Matthew and Mark*. S.c.p., 1875; reimpresso, Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 215.

⁴Robert H. Gundry, *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, p. 498; Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 233.

⁵John Lightfoot, *A Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica: Matthew—1 Corinthians*, vol. 2, *Matthew—Mark*. Oxford University Press, 1859; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker, 1979, p. 322.

⁶Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew*, Part 2, *The Living Word Commentary*. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 133.

biam por experiência que o noivo podia atrasar-se e quiseram estar prontas para quando ele chegasse. Levar azeite suficiente para manter a lâmpada acesa simboliza boas obras feitas em obediência aos mandamentos de Jesus (veja 5:14–16)⁷.

Versículo 5. As dez virgens esperaram, **tardando o noivo**. Este detalhe não deveria surpreender muito, pois as noivas dessa cultura gostavam de preservar a hora de sua chegada como uma surpresa. A demora aqui representa o prolongado período antes da volta de Cristo (veja 25:19). Os cristãos primitivos esperavam que a volta de Jesus fosse logo. Pode ser que os leitores de Mateus estivessem discutindo este assunto específico quando ele escreveu seu Evangelho, talvez entre as décadas de 50 e 60. Pedro, que escreveu em meados da década de 60, respondeu a zombadores que perguntavam escarnejadamente: “Onde está a promessa da sua vinda?” (2 Pedro 3:4).

Com o passar do tempo, as jovens **foram todas tomadas de sono e adormeceram**. Como eram altas horas, o fato de todas as dez terem se fatigado e caído no sono é compreensível. As virgens néscias não foram mais falhas neste aspecto do que as prudentes. Em outras passagens, porém, dormir é contrastado com vigiar e considerado um ato negativo (26:38–46; Marcos 13:35, 36; Efésios 5:14; 1 Tessalonicenses 5:6).

Versículo 6. Um grito, talvez de um arauto (veja os comentários sobre 22:3), ressoou **à meia-noite**. Finalmente veio a notícia de que o noivo estava chegando, e as dez virgens saíram **ao seu encontro**.

Versículo 7. Em resposta à notícia da chegada, **se levantaram todas as dez virgens e prepararam as suas lâmpadas**. O verbo “preparar” (κοσμέω, *kosmeo*) geralmente significa “colocar em ordem”. Se as “lâmpadas” eram tochas que consistiam de trapos de tecido amarrados em volta de varas, então as pontas queimadas tinham que ser cortadas para que fosse aplicado mais azeite. Se eram lamparinas a óleo presas em varas, o pavio tinha que ser aceso e adicionado mais óleo.

Versículos 8 e 9. Enquanto as néscias preparavam suas lâmpadas, notaram que suas chamas **se apagavam**. No Antigo Testamento, a imagem de uma lâmpada se apagando está associada aos perversos (Jó 18:5; Provérbios 13:9). As virgens néscias se deram conta de que não haviam pre-

visto o atraso do noivo. Para solucionar esse dilema, elas pediram às colegas que lhe dessem um pouco de sua reserva de azeite.

As virgens prudentes negaram o pedido, explicando que faltaria azeite a ambas as partes. Não quiseram correr o risco de que todas as lâmpadas se apagassem. Se isso acontecesse, o cortejo estaria arruinado⁸.

Então aconselharam as virgens néscias a **irem comprar dos que vendem**. As lojas não costumavam ficar abertas a noite toda, mas talvez houvesse exceções em ocasiões festivas. Donald A. Hagner ensinou que “comprar azeite tarde da noite provavelmente não seria difícil num pequeno povoado em plena celebração de um casamento”⁹. O detalhe das dez virgens terem que comprar seu próprio azeite ilustra o fato de que as boas obras não são transferíveis. Quando Cristo voltar, cada indivíduo será considerado responsável pelo que tiver feito (2 Coríntios 5:10).

Versículo 10. Em vez de encontrarem o noivo com as lâmpadas chamejantes, as cinco virgens néscias tiveram que **comprar** azeite. Enquanto estavam fora, **chegou o noivo**. As cinco virgens sábias encontraram o noivo com suas lâmpadas brilhantes e acesas. Juntas partiram **para as bodas**. Após entrarem no salão de festas, **fechou-se a porta**. Uma porta fechada indica uma oportunidade perdida (Gênesis 7:16; Isaías 22:22; Lucas 13:25; Apocalipse 3:7).

Versículo 11. Quando as **virgens** néscias voltaram e perceberam que estavam para fora, imploraram ao noivo que as deixasse entrar. Elas clamaram: **“Senhor, senhor, abre-nos a porta!”** Assim como os termos “néscias” e “prudentes” nos remetem aos dois construtores, “o tolo e o sábio” (7:24, 26), o termo “senhor, senhor” ecoa a advertência de Jesus naquele mesmo capítulo, ao declarar: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (7:21).

Versículo 12. Os clamores das virgens néscias para entrarem na alegre festa foram em vão. O noivo recusou-se a deixá-las entrar, dizendo: **“Não vos conheço”** (veja os comentários sobre 7:23). Esta declaração poderia ser assim parafrase-

⁷Gundry, p. 499.

⁸Mounce, p. 233.

⁹Donald A. Hagner, *Matthew 14—28*, Word Biblical Commentary, vol. 33B. Dallas: Word Books, 1995, p. 729.

ada: “Eu não tenho nada com vocês!”¹⁰ No Antigo Testamento, Deus “conhece” o Seu povo a quem Ele escolheu (Jeremias 1:5; Oseias 13:5; Amós 3:2). Este tema se repete no Novo Testamento, onde os que se relacionam com Deus estando salvos em Cristo são “conhecidos” por Ele (veja Gálatas 4:8, 9; 2 Timóteo 2:19)¹¹.

Podemos imaginar a agonia das virgens néscias saindo de perto da porta, admitindo que se prepararam em vão. Talvez elas tivessem passado horas se vestindo apropriadamente, chegando horas adiantadas. Devem ter ensaiado suas participações para a cerimônia. Até compraram lâmpadas – mas não levaram azeite suficiente que durasse até a chegada do noivo.

Versículo 13. Jesus concluiu a parábola, dizendo: **“Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora”**. Mais uma vez, é dado o aviso para que os seguidores estejam sempre preparados para a volta do Senhor (veja 24:36, 42, 44, 50). Não devemos procrastinar no que diz respeito à volta de Cristo. Prudência e constante prontidão é a atitude adequada que devemos ter, pois Ele pode voltar a qualquer hora. Quem vai querer ser pego despreparado, como as cinco virgens néscias, quando Ele chegar?

A PARÁBOLA DOS TALENTOS (25:14–30)

¹⁴Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. ¹⁵A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro, um, a cada um segundo a sua própria capacidade; e, então, partiu. ¹⁶O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco. ¹⁷Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois. ¹⁸Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor.

¹⁹Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. ²⁰Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cin-

¹⁰W. F. Albright and C. S. Mann, *Matthew*, The Anchor Bible. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1971, p. 302.

¹¹Michael J. Wilkins, “Matthew”, em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Matthew, Mark, Luke*, ed. Clinton E. Arnold. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2002, p. 155.

co talentos que ganhei. ²¹Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

²²E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei. ²³Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

²⁴Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste, ²⁵receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.

²⁶Respondeu-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? ²⁷Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. ²⁸Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez.

²⁹Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. ³⁰E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes.

A parábola dos talentos enfatiza que os seguidores de Jesus são administradores responsáveis. A cada um foi confiada uma porção de dons ou talentos a serem usados para a promoção do reino do Senhor. Na volta de Cristo, cada um prestará conta de como usou esses recursos. Os discípulos que tiverem aplicado e desenvolvido seus talentos serão julgados fieis. Ao contrário disso, os que tiverem omitido seus talentos serão condenados.

Em Lucas 19:11–27 há uma parábola, a parábola das dez minas, semelhante a esta de Mateus. Naquela parábola, um homem também confiou a seus servos seus recursos e saiu em viagem. Na sua volta, ele os chamou para prestarem conta, e três servos são descritos nesse diálogo. Os primeiros dois agiram fielmente, ao passo que o terceiro não se dedicou. Consequentemente, os recursos do servo infiel lhe foram tirados e entregues a um servo produtivo.

Existem várias diferenças entre as duas parábolas. Na parábola das minas, dez servos são inicialmente mencionados, em vez de três. Cada um recebeu o *mesmo* montante, em vez de porções

variadas. O peso padrão usado na história foi uma *mina*, e não um *talento*. Em vez de *enterrar* o dinheiro, o servo improdutivo embrulhou-a num *lenço*.

Versículo 14. A parábola anterior das dez virgens foi introduzida pela expressão “então, o reino dos céus será semelhante a” (25:1). Essa expressão é aparentemente abreviada nesta segunda parábola, que já começa com as palavras **pois será como**. Algumas traduções esclarecem este ponto de comparação inserindo a expressão “o reino do céu” antes de **será como**. A expressão “pois será como” pode se referir especificamente ao dever de estar alerta mencionado no versículo 13¹².

O rico proprietário das terras desta parábola estava se **ausentando do país**. O verbo grego ἀποδημέω (*apodemeo*) tem a ideia de deixar o próprio povo e viajar para outro país (21:33; Marcos 12:1; Lucas 15:13; 20:9). Está claro, com base nas circunstâncias apresentadas, que ele pretendia ficar fora por um longo período (25:19). Antes de ausentar-se, ele conferiu aos **seus servos** responsabilidades sobre **os seus bens**, esperando que estes exercessem uma administração sábia e fiel. No mundo antigo, grandes responsabilidades eram confiadas a alguns servos (18:23–27; 21:34; 24:45–47).

Versículo 15. O dono dos bens distribuiu seu dinheiro a cada um segundo a sua própria capacidade. “A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro, um.” O termo “talento” referia-se à maior unidade de peso, equivalente a cerca de trinta e quatro quilogramas (veja os comentários sobre 18:24). Era usado para pesar ouro, prata e cobre, segundo seus respectivos valores. Nesta história, a prata é provavelmente o material em questão. O termo grego ἀργύριον (*argurion*), que pode ser traduzido por “prata” ou “dinheiro”, aparece nos versículos 18 e 27.

Um talento valia cerca de 6 mil denários¹³ e o denário era o salário de um dia de um trabalhador braçal (20:2). Portanto, um talento equivalia aproximadamente ao salário de vinte anos e dois talentos equivaliam ao salário de quarenta anos. Cinco talentos eram “o equivalente ao salário de cem anos” (NTJ). Embora seja difícil traduzir “talento” para um equivalente moderno, o senhor da propriedade obviamente era rico, possuindo

grande soma de valores disponíveis. O dinheiro confiado a cada servo era mensurável; nenhum deles recebeu uma quantia irrisória. Douglas R. A. Hare disse: “A imensidão da soma tem a intenção de nos remeter à preciosidade dos dons que Deus confiou aos nossos cuidados”¹⁴.

Não há aqui registro de admoestações do senhor aos servos, embora ele certamente tenha dado instruções antes de **ausentar-se do país**. Na parábola das dez minas, o senhor disse aos servos: “Negociai até que eu volte” (Lucas 19:13).

Versículo 16. O advérbio de tempo usado neste versículo, **imediatamente**, mostra que o homem com **cinco talentos** era um empreendedor automotivado. Ele duplicou seus talentos. A palavra equivalente a **negociar** (de ἐργάζομαι, *ergazomai*) sugere fazer negócio por um longo período. Esse servo não só investiu o dinheiro e se esqueceu dele; ele continuou a melhorar o investimento até o seu senhor voltar. A confiança do seu senhor nele não foi em vão.

Versículo 17. **Do mesmo modo** indica que o próximo servo também **imediatamente** deve ter colocado seus **dois talentos** em ação. Conseqüentemente, ele **ganhou outros dois**. Os dois primeiros servos, embora tenham recebido quantias diferentes, duplicaram o capital inicial.

Versículo 18. Em vez de empregar o único talento que recebeu, o terceiro servo **abriu uma cova** e enterrou-o. Ele teve a mesma oportunidade que os outros dois tiveram de usar o que lhe fora dado e suplicar seu talento. Esse homem, porém, não empregou **o dinheiro do seu senhor** em jogos de azar, nem o perdeu por descuido ou desperdiçou-o numa vida dissoluta; ele só não fez nada produtivo com ele.

O servo **escondeu** o dinheiro para protegê-lo. O Talmude diz: “Só se guarda dinheiro colocando-o na terra”¹⁵. Na antiguidade, não existiam cofres ou caixas fortes como hoje. Por isso, era costume se enterrar as riquezas sob a terra para guardá-las de ladrões (veja os comentários sobre 6:20; 13:44; 24:43).

Versículo 19. Jesus explicou com esta parábola que Sua volta não seria imediata, mas seria **depois de muito tempo** (veja 25:5; NVI). Quando **o senhor** daqueles servos voltou, **ajustou contas**

¹²McGarvey, p. 217.

¹³Ao contrário, uma “mina” valia 100 denários. Uma mina valia 1/60 de um talento. (Lewis, p. 135.)

¹⁴Douglas R. A. Hare, *Matthew*, Interpretation. Louisville: John Knox Press, 1993, p. 286.

¹⁵Talmude, *Baba Metzia* 42a.

com eles (veja 18:23).

Versículos 20 e 21. O primeiro servo fez exatamente o que seu senhor esperava. Ele empregou os cinco talentos e eles imediatamente começaram a aumentar, de modo que na volta do seu senhor ele apresentou dez talentos em vez de **cinco**. O **senhor** agradeceu-se tanto com o desempenho dele que elogiou-o: **“Muito bem, servo bom e fiel”**. “Bom” e “fiel” são qualidades mais relacionadas ao caráter do que à proeza do servo. Este servo foi bem-sucedido porque foi bom e fiel ao dever a ele conferido.

O serviço fiel do servo seria recompensado com mais responsabilidades (veja 24:45–47; Lucas 16:10). O senhor explicou: **“Foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor”**. A imensa riqueza do senhor é evidente pelo fato de que ele considerou cinco talentos “pouco”. Entrar no gozo do senhor aponta para a bendita comunhão a ser desfrutada entre Jesus e Seus discípulos fieis (Romanos 8:17; 2 Timóteo 2:11–13).

Versículos 22 e 23. O próximo da filha a comparecer perante **seu senhor** era o servo com **dois talentos**. Ele explicou que também dobrou seus talentos e agora tinha quatro. O senhor deu a este servo o mesmo louvor que concedeu ao homem dos cinco talentos. Ele recebeu os mesmos elogios e a mesma recompensa. Além disso, o senhor lhe deu mais responsabilidades.

Versículos 24 e 25. Finalmente, o servo com um talento apareceu perante o **seu senhor**. Ele explicou que escondeu o **talento** do senhor no chão porque sabia que seu senhor era **severo** (veja Lucas 19:20, 21). Este servo não tinha fé na justiça e bondade do seu senhor, ainda que seu senhor tivesse colocado fé suficiente nele para confiar-lhe a quantia de um talento. Qualificando-o de severo e exigente, ele passou a descrever o senhor usando um paralelismo sinônimo:

**...que ceifas onde não semeaste
e ajuntas onde não espalhaste.**

Este homem estava dizendo que o senhor havia lucrado de campos de plantação sem enfrentar o trabalho árduo de arar e plantar. Em resumo, o servo estava acusando seu senhor de ser um capitalista cruel.

O servo confessou que se sentira **receoso**. No topo da lista de pessoas desprezíveis que serão

lançadas no inferno estão “os covardes” (Apocalipse 21:8). Algumas pessoas são tão receosas de cometer um erro que jamais fazem o que é certo. Muitas pessoas estarão perdidas por deixarem de agir positivamente (25:45, 46).

Embora não esteja explícito na parábola, o servo teve que ir cavar o que havia enterrado para devolvê-lo ao senhor. Ao apresentar seu único talento, ele disse: **“Aqui tens o que é teu”**. Tratava-se de uma expressão comercial que implicava restituição e negava qualquer responsabilidade adicional¹⁶.

Versículo 26. Talvez o servo tenha sentido que deveria ser recompensado por devolver o talento do senhor intacto, assim como lhe fora dado. Todavia, em vez de ser elogiado, ele foi condenado. O **senhor** respondeu chamando-o de **mau e negligente**. Ele não o criticou por ter menos capacidade do que os outros; ele foi criticado por não fazer nada com a capacidade que possuía. O termo “negligente” (ὀκνηρός, *okneros*) pode indicar inatividade por medo, o que coincide com a confissão do servo de se sentira “receoso”, no versículo 25.

O senhor não se deu ao trabalho de negar a visão que o servo tinha dele como um homem severo. De fato, ele disse: **“...sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei”**. Robert H. Gundry deu a seguinte explicação para “ceifar e ajuntar onde não espalhei”:

A descrição do senhor pegando o que não lhe pertence deve nos incomodar mais do que a comparação da vinda de Jesus com a de um “ladrão à meia-noite”. A ideia principal da comparação não está relacionada a roubo, mas ao inesperado. Aqui também a descrição tem a ver com a força da exigência de Jesus por boas obras, e não com a ética de se tomar o que pertence a outros.¹⁷

Versículo 27. Tendo em vista o que o senhor estava exigindo, o servo deveria ter, ao menos, entregue o dinheiro **aos banqueiros**, para obter **juros**. Esta ação mínima teria envolvido pouco ou nenhum risco.

A palavra grega para “banqueiro” (τραπεζίτης, *trapezites*) é derivada da palavra para “mesa” (τράπεζα, *trapeza*), pois os cambistas e agiotas sentavam-se em mesinhas. A Lei proibía aos israelitas cobrarem juros uns dos ou-

¹⁶Veja Mishná, *Baba Kamma* 9.2; 10.5; *Baba Metzia* 6.3.

¹⁷Gundry, p. 508.

tros, mas podiam fazê-lo com os gentios (Êxodo 22:25; Levítico 25:36, 37; Deuteronômio 23:19, 20; veja Salmos 15:5). Aparentemente, essas proibições não eram seguidas à risca na Palestina do primeiro século, cuja comercialização estava em franco crescimento nessa época¹⁸.

Versículo 28. Uma vez que o servo traiu a confiança do senhor, este tirou-lhe o talento e o deu ao que tinha dez talentos. Poderíamos dizer, sem risco de erro, que ele perdeu tudo¹⁹.

Versículo 29. Praticamente todas as versões para a língua portuguesa incluem os versículos 29 e 30 na fala do senhor iniciada no versículo 28. Entretanto, também é plausível a possibilidade de que esses dois últimos versículos sejam um comentário de Jesus, o narrador da história.

“Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.” Jesus citou este provérbio em várias ocasiões (13:12; Marcos 4:25; Lucas 8:18; 19:26). Ele enfatizou que a fidelidade traz bênçãos adicionais, ao passo que a “infidelidade resulta em perda até das bênçãos iniciais”²⁰. Os verbos passivos “se lhe dará” e “lhe será tirado” implicam ações de Deus²¹.

Versículo 30. “E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes.” Tudo indica que ocorre uma transição aqui da parábola para a realidade espiritual. Não tendo atendido o interesse do seu senhor, o “servo inútil” seria castigado severamente. Por semelhante modo, os discípulos que não pregarem Cristo e Seu reino sofrerão castigo eterno. As expressões “trevas exteriores” (RC) e “choro e ranger de dentes aparecem em todo o Evangelho de Mateus para descrever o inferno (8:12; 13:42, 50; 22:13; 24:51).

Devemos lembrar que o homem com um talento não foi condenado por algum crime hediondo. O julgamento veio sobre ele porque ele não se dedicou e não usou o dom a ele confiado²².

A PARÁBOLA DO PASTOR DIVIDINDO AS OVELHAS DOS CABRITOS (25:31–46)

³¹Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; ³²e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; ³³e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda;

³⁴então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. ³⁵Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; ³⁶estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. ³⁷Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? ³⁸E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? ³⁹E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? ⁴⁰O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

⁴¹Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. ⁴²Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; ⁴³sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. ⁴⁴E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? ⁴⁵Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. ⁴⁶E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna.

Esta é a última de várias parábolas que Jesus começou a contar no capítulo 21²³. Em sua quase totalidade, as parábolas de Jesus referem-se

¹⁸Merlin W. Call, “Bank; Banking”, em *The International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 1, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979, p. 409.

¹⁹Lewis, p. 136.

²⁰Hagner, p. 736.

²¹David Hill, *The Gospel of Matthew*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972, p. 329.

²²Morris, p. 632.

²³Entre estas parábolas estão a dos dois filhos solicitados a trabalhar na vinha do pai (21:28–32), a do dono da vinha [mais conhecida como “dos lavradores maus”] (21:33–41), a das bodas do filho do rei (22:1–14), a das dez virgens (25:1–13), a dos talentos (25:14–30) e a do pastor separando as ovelhas dos cabritos (25:31–46).

a eventos extraídos de experiências comuns na vida de habitantes da Palestina. Todavia, esta parábola é diferente, pois descreve um evento futuro. Ainda que seja uma história sobre um pastor separando as ovelhas dos cabritos, ela ensina verdades sobre o julgamento final²⁴.

Versículo 31. Jesus começou a parábola dizendo que **o Filho do Homem voltaria na Sua majestade**. Ele já havia fornecido alguns detalhes de Sua segunda vinda em 24:30: Ele virá “sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória”. Esta glória emana de Deus Pai (16:27). É a mesma glória que Jesus tinha “junto do Pai antes que houvesse mundo” (João 17:5).

A volta do Senhor será assistida por **todos os anjos**. Em outro trecho de Mateus, os anjos são retratados como ceifeiros que separarão os maus dentre os justos no julgamento final (13:39, 41, 49). Quando Jesus voltar, os anjos “reunirão os Seus escolhidos, dos quatro ventos” (23:30, 31).

Nesse momento, Cristo **Se assentará no trono da sua glória**. A entronização do Filho do Homem é um tema que pode ser traçado desde Daniel 7:13 e 14²⁵. Aqui o trono enfatiza a autoridade de Jesus como Rei e Juiz. Em algumas passagens Deus Pai é retratado como o Juiz, enquanto que em outros textos (como neste) Jesus é mencionado. Atos 17:30 e 31 esclarece que Deus julgará o mundo *por intermédio de Jesus Cristo* (veja João 5:22, 27). Quando Jesus voltar, Ele “retribuirá a cada um conforme as suas obras” (Mateus 16:27).

Contrariando o ensino do premilenarismo, nenhuma passagem bíblica ensina ou deixa implícito que Jesus voltará para o arrebatamento e depois retornará para reinar sobre a terra por mil anos antes de levar os salvos ao céu por toda a eternidade²⁶. A segunda vinda de Cristo será para julgar toda a terra. Ele se assentará no trono do julgamento quando voltar (João 5:24–29; Atos 10:42; 17:30, 31; 2 Coríntios 5:10; 2 Tessalonicenses 1:6–10; 2 Timóteo 4:1).

Versículo 32. Jesus disse que, quando Ele vier outra vez, **todas as nações serão reunidas em sua presença**. Muitos comentaristas tentam limitar “as nações (τά ἔθνη, *ta ethne*) aos “gentios” visando

²⁴Veja em Apocalipse 10:11–15 uma cena paralela do julgamento.

²⁵Veja 1 Enoque 62.1–16; 69:27–29.

²⁶O premilenarismo dispensacional ensina incorretamente que o arrebatamento e a segunda vinda são dois acontecimentos separados.

encaixar esta cena em suas especulações pré-concebidas sobre o fim dos tempos²⁷. No entanto, neste contexto, Jesus estava falando de todos os povos – quer judeus e gentios, quer cristãos e não-cristãos²⁸. Haverá um só julgamento e todos que já viveram estarão presentes (13:36–43; João 5:27–29; 1 Coríntios 15:52; 2 Coríntios 5:10; Apocalipse 20:11, 12).

Jesus então disse: **“E ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas”**. Enquanto a palavra grega para “nações” (*ethne*) encontra-se no gênero neutro, o pronome que está oculto em nossa tradução “ele os (αὐτούς, *autous*) separará” encontra-se no masculino. Este detalha indica que as pessoas que comporiam “todas as nações” serão julgadas individualmente, e não coletivamente.

No Evangelho de João, Jesus retratou a Si mesmo como “o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas” (João 10:11). Quando Ele voltar, papel de Cristo como Pastor envolverá separação e julgamento (veja Ezequias 34:17, 20, 22). A figura de ovelhas é frequentemente usada para o povo de Deus na Bíblia, sejam os israelitas debaixo da velha aliança, sejam os discípulos de Jesus debaixo da nova aliança (veja os comentários sobre 9:36; 10:5, 6; 15:24). As ovelhas representam os que humildemente seguem o Bom Pastor, ao passo que os cabritos simbolizam os que são teimosos, rebeldes e destrutivos (veja Ezequiel 34:17; Daniel 8:5, 7, 21)²⁹.

A imagem de ovelhas sendo separadas de cabritos era comum para os discípulos de Jesus. Na maioria das regiões do mundo, porém, essa cena jamais seria vista, pois esses rebanhos não são criados juntos nem se misturam. Entretanto, nas terras ao redor da Palestina, os dois rebanhos pastavam juntos. As espécies nativas, segundo o comentarista Wilkins, podem ter cor, forma e tamanho semelhantes³⁰. Parece que os rebanhos tinham que ser separados ao cair da noite porque os cabritos precisavam se aquecer num abrigo, ao passo que as ovelhas gostavam de ficar a céu aberto³¹.

Uma divisão em duas partes opostas é recorrente em todo o Evangelho de Mateus. Vemos

²⁷Warren W. Wiersbe, Comentário Bíblico Expositivo

²⁸“As nações” também englobam todos mencionados na chamada grande comissão (28:19; veja Marcos 16:15).

²⁹Veja William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento – Mateus*, vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2ª. ed. 2010.

³⁰Wilkins, p. 157.

³¹Hill, p. 331; Mounce, p. 235.

uma separação entre o trigo e a palha (3:12), o caminho largo e o estreito (7:13, 14), o fruto bom e o ruim (7:15–20), o construtor sábio e tolo (7:24–27), o trigo e o joio (13:24–30), os peixes bons e os ruins (13:47–50), os dois filhos (21:28–32), os convidados para o casamento preparados e os despreparados (22:1–14), as virgens prudentes e as néscias (25:1–13) e as ovelhas e os cabritos (25:32, 33)³². Estes contrastes indicam que há uma diferença visível entre os salvos e os perdidos.

Versículo 33. Enquanto estiver separando os animais, o Pastor **porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda**. Por serem animais mais valiosos e representarem os justos, as ovelhas receberão o lugar de honra à direita do Pastor (veja 20:21; 22:44; 26:64; Atos 2:33, 34; 5:31; 7:55, 56). Os cabritos, que representam os maus, serão colocados à direita, a posição menos desejável.

Versículo 34. O Pastor é aqui citado como o **Rei**, o que combina com a descrição anterior dEle sentado num trono majestoso (25:31). Dirigindo-se aos justos (as ovelhas), **à Sua direita**, Ele dirá: **“Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”**.

Quando a fundação deste universo físico estava sendo lançada,³³ Deus também lançou os fundamentos do Seu reino eterno. O estabelecimento do reino (a igreja) na terra exigiu que Jesus se tornasse um homem e sofresse pelos pecados do mundo. Após a Sua morte, sepultamento e ressurreição, Jesus deu a grande comissão. Ele prefaciou essa incumbência dizendo: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (28:18). Quando Jesus subiu ao Pai, Ele assumiu o trono e começou a reinar no reino de Deus (Atos 2:32–36). Ele reinará até “quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder” e até que “haja posto todos os inimigos debaixo dos pés” e “entregar o reino ao Deus e Pai” (1 Coríntios 15:24, 25). O reino de Deus na terra se transformará, então, no “reino eterno” de Deus no céu (veja 2 Pedro 1:11). É esta herança celestial que se tem em vista nesta passagem.

³²Lewis, p. 140.

³³A expressão “a fundação do mundo” aparece várias vezes no Novo Testamento referente à criação (13:35; Lucas 11:50; João 17:24; Efésios 1:4; Hebreus 4:3; 9:26; 1 Pedro 1:20; Apocalipse 13:8). Algumas dessas referências também envolvem o plano eterno de Deus de salvar o homem por meio do sacrifício de Jesus Cristo.

Versículos 35 e 26. Jesus apresentou motivos específicos por que alguns tomarão posse das bênçãos do Pai. Ele disse que quando Ele teve **fome, sede** e esteve **nu e forasteiro**, eles supriram Suas necessidades. Eles visitaram Jesus quando Ele estava **enfermo e preso**.

A única base de julgamento nesta parábola é a obediência aos mandamentos positivos (“farás isto”), e não a adesão aos mandamentos negativos (“não farás aquilo”). A ênfase que Jesus deu a boas obras³⁴ conflita com o conceito de fé mal definido como mera “crença”. Tiago, irmão do Senhor, escreveu:

Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta (Tiago 2:14–17).

E João questionou: “Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (1 João 3:17).

A ênfase em boas obras não deve ser interpretada como se alguém pudesse comprar ou merecer sua própria salvação. Para ser contado entre as ovelhas justas, é preciso estar “em Cristo”, tendo se apropriado dos benefícios de Sua morte expiatória na cruz (Romanos 6:3, 4; 8:1)³⁵. Esta passagem não é incompatível com o evangelho do reino que apresenta a salvação como uma dádiva divina. Paulo, que falou muito a respeito da graça, também reforçou a relevância das boas obras (2 Coríntios 5:10; Gálatas 6:7–10). Quando Jesus acentua a importância da justiça como boas obras, Ele o faz como uma parte de um contexto maior no qual Deus age misericordiosamente para com o Seu povo, provendo-lhes salvação³⁶.

O tema da graça de Deus permeia todo o Evangelho de Mateus. Após Seu nascimento, o Messias deveria ser chamado “Jesus” porque “Ele salvaria o seu povo dos pecados deles” (1:21). Duran-

³⁴Jesus enfatizou repetidas vezes o relacionamento entre obediência e uma recompensa positiva (7:21–27; 12:36, 37; João 12:47, 48).

³⁵Se os pecados de uma pessoa for coberto pelo sangue de Cristo, ela não terá nenhum pecado para ser julgado.

³⁶Hagner, pp. 746–47.

te seu ministério, Jesus convidou Seus ouvintes a encontrar verdadeiro descanso para suas almas nEle (11:28–30). Quando declarou o propósito de Sua missão, Jesus disse que Ele veio “para dar a Sua vida em resgate por muitos” (20:28). Acima de tudo, quando instituiu a santa ceia, Jesus deixou claro que o Seu sangue “seria derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (26:28).

Versículos 37 a 39. Os justos – elogiados por suas boas obras – interrogaram: “**Senhor, quando foi que** [fizemos todas estas coisas por Ti]?” Esta pergunta parece especialmente apropriada para os crentes que nunca viram Jesus em carne e osso.

Alimentar os que têm fome, saciar os que têm sede e cobrir os nus são atos básicos da bondade humana (Jó 22:6, 7; Provérbios 25:21; Isaías 58:7; Ezequiel 18:7, 16; Mateus 10:42; Marcos 9:41; Romanos 12:20; Tiago 2:15, 16). A palavra grega para “nu” (γυμνός, *gymnos*) está relacionada à palavra “ginásio”, pois os gregos tinham o costume de se exercitar nus. No Novo Testamento, *gymnos* pode significar “sem se cobrir, desnudo” (Marcos 14:52), “inadequadamente vestido, carecido de roupa” (Tiago 2:15) ou “levemente vestido, despi-do da roupa de cima” (João 21:7)³⁷. Neste contexto, a palavra certamente indica alguém inadequadamente trajado; seria raro encontrar alguém que não possuísse nenhuma peça de roupa.

Mostrar hospitalidade a um forasteiro era uma cortesia comum no mundo antigo (Gênesis 18:1–8; Juízes 19:16–21; Jó 31:32; Atos 10:23; 1 Timóteo 5:10; Hebreus 13:2; 3 João 5). A influência da cultura greco-romana com sua ênfase em viajar para o estrangeiro trouxe mais hospedarias para a Palestina. Entretanto, essas hospedarias eram conhecidas por sua má reputação³⁸, e eram tipicamente evitadas por judeus e cristãos igualmente³⁹. Quando enviou os apóstolos a uma comissão limitada, Jesus não instruiu que ficassem em hospedarias; em vez disso, ordenou-lhes que encontrassem um indivíduo digno em cada cidade ou povoado que visitassem e ali se hospedassem (10:11).

Visitar os enfermos, assim como as viúvas e

³⁷Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick W. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 208.

³⁸Veja Mishná, *Abodah Zarah* 2.1.

³⁹Ralph Earle, “Inn; Lodge; Lodging Place”, em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, vol. 2, p. 826.

os órfãos (Tiago 1:27), era outro ato de bondade. Tiago exemplificou uma situação em que um cristão enfermo mandaria chamar os presbíteros da igreja. Eles orariam por ele e o unguiriam com óleo, o que simbolizava (e talvez até cooperasse para) a cura (Tiago 5:14).

Os **presos** eram crentes que haviam sido injustamente confinados (Hebreus 13:3). Mostrar compaixão por esses presos poderia macular a reputação e a liberdade do benfeitor. “Presos acorrentados eram vistos como criminosos comuns e seus amigos fieis também eram menosprezados – como um tipo de culpa por associação.”⁴⁰ Embora Paulo estivesse confinado em prisão domiciliar, ele tinha permissão para receber visitas, as quais supriam suas necessidades (Atos 24:23; 28:30, 31).

Versículo 40. O Rei respondeu a pergunta deles, dizendo: “**Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes**”. Jesus dissera aos apóstolos: “Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou” (Mateus 10:40).

Aqui a expressão “estes meus pequeninos” deve ser compreendida como uma referência a cristãos. Jesus enfatizou que aqueles que Lhe obedecem são a Sua verdadeira família (12:49, 50; Lucas 8:21). Tudo que os cristãos fazem uns pelos outros o fazem por Cristo. Uma pessoa prova que é um verdadeiro servo de Cristo quando ministra às necessidades do corpo de Cristo, a igreja (Efésios 1:22, 13). Jesus não estava falando aqui de mera caridade. Ele estava de fato se referindo à necessidade de prestar assistência aos Seus seguidores. Quando entendemos as palavras de Jesus, vemos, como James Burton, que “tudo que os homens fazem para a igreja [de Jesus], o fazem para Ele”⁴¹.

Jesus definiu bem Sua declaração especificando “a um destes”. Geralmente os seguidores mais proeminentes recebem maior atenção, ao passo que os menos influentes são ignorados. “Um destes”, traduzido na NVI por “alguns dos meus menores irmãos”, também poderia ter como equivalente “estes pequeninos”, expressão mencionada antes em Mateus (10:42; 18:6, 10, 14). Os seguidores de Jesus precisam imitar a compaixão de seu Mestre

⁴⁰David Stewart, *A Commentary on Philipians*. Searcy, Ark.: Stewart Publications, 2006, p. 81.

⁴¹James Burton Coffman, *Commentary on the Gospel of Matthew*. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1968, p. 410. Veja Atos 9:4, 5; 1 Coríntios 8:12.

pelos fracos e impotentes (veja 11:5; Lucas 4:18).

Versículo 41. A esta altura, o Rei desviou os olhos para os desaprovados (os cabritos) à **Sua esquerda**. Disse Ele aos **malditos**: “**Apartai-vos de mim**”. Ser condenado é “ser separado da presença do Senhor” (2 Tessalonicenses 1:9; NVI), sendo impedido de ter comunhão com Ele.

Os perversos serão lançados **para o fogo eterno**, ou seja, o inferno. “Eterno” (αἰώνιος, *aiionios*) significa “sem fim, que nunca cessa, que dura para sempre”⁴². A mesma palavra é usada para descrever a eternidade de Deus (Romanos 16:26) e do Espírito Santo (Hebreus 9:14). A declaração de Jesus não nos permite limitar a duração do inferno e dizer que os perdidos serão aniquilados ou consumidos. *Aionios* é usado para descrever a duração tanto do inferno como do céu (25:46). Se limitarmos a duração do inferno, então teremos também que limitar a duração do céu. Os injustos estarão no inferno enquanto os justos estiverem no céu. Jesus disse que o fogo é eterno. Anteriormente, Ele descreveu o inferno como um lugar de “fogo inextinguível” (Marcos 9:43, 48). (Veja mais informações sobre o inferno nos comentários sobre 5:22; 13:40–42.)

O verbo **preparado** (ἐτοιμάζω, *hetoimazo*) é uma repetição do versículo 34, que afirma que o reino foi “preparado” para os justos. Aqui um lugar de tormento foi “preparado” **para o diabo e seus anjos**. Por causa do Seu grande amor, Deus fez tudo o que era necessário para evitar que a humanidade fosse para esse lugar terrível de tormento (João 3:16, 17, 36).

Versículos 42 e 43. Os perversos foram condenados por se negarem a praticar o cristianismo “puro e sem mácula” (veja Tiago 1:27). Eles não serviram aos que os justos serviram: os que tinham **fome, sede, os forasteiros, que estavam nus, enfermos e presos** (25:35, 36). Eram pecados por *omissão* e não por *comissão* – como adultério, fornicação, embriaguez, mentira e roubo (1 Coríntios 6:9, 10)⁴³. Tiago escreveu: “Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando” (Tiago 4:17).

Versículo 44. Quando os condenados ouviram as palavras do Rei, perguntaram: “**Senhor, quando foi que te vimos** [passar essas necessida-

⁴²C. G. Wilke e Wilibald Grimm, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, trad. e rev. Joseph H. Thayer. Edinburgh: T. & T. Clark, 1901; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1977, p. 20.

⁴³Hare, p. 288.

des] e não te assistimos?” Ainda que numa forma abreviada, a pergunta deles é um espelho da pergunta feita pelos justos (25:37–39).

Versículo 45. Mantendo a resposta que dera anteriormente (25:40), o Rei respondeu: “**Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer**”. Deixar de servir as necessidades legítimas do corpo do Senhor é deixar de servir a Ele.

Nosso Senhor é explícito na razão que apresentou para a condenação na parábola. Não somos salvos pelas boas obras que realizamos, mas não somos salvos sem realizá-las. Elas são a evidência de que a nossa fé é autêntica (Tiago 2:14–26).

Versículo 46. O Rei concluiu: “**E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna**”. Aqui está o único uso do termo “castigo eterno” no Novo Testamento. O comentarista A. T. Robertson escreveu a respeito da tradução dessas duas palavras:

Castigo eterno (kolasin aionion). A palavra *kolasin* vem de *kolaso*, mutilar ou podar. Consequentemente os que se inclinam para uma esperança maior usam esta expressão com o significado de uma poda perene que finalmente culminará na salvação dos cabritos, sendo uma medida disciplinar e não penal. Existe essa distinção quando Aristóteles expõe *moria* (vingança) em comparação com *kolasis*. Mas o mesmo adjetivo *aionios* [eterno] é usado com *kolasin* [castigo] e *zoen* [vida]. Se, por razões etimológicas, limitarmos o escopo de *kolasin*, provavelmente teremos também que limitar *zoen* a apenas um período. Não há o menor indício nas palavras de Jesus aqui de que o castigo não é coevo [simultâneo] com a vida.⁴⁴

Em contraste com os condenados, os justos serão conduzidos à “vida eterna”. Diferentemente do “castigo eterno”, este termo aparece com frequência no Novo Testamento, especialmente nos escritos de João⁴⁵.

LIÇÕES

TRÊS PARÁBOLAS SOBRE O JULGAMENTO (Cap. 25)

Pode-se elaborar uma lição resumindo o ca-

⁴⁴A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, vol. 1, *The Gospel According to Matthew—The Gospel According to Mark*. Nashville: Broadman Press, 1930, pp. 201–2.

⁴⁵Veja Mateus 19:16, 29; Marcos 10:17, 30; Lucas 10:25; 18:18, 30; João 3:15, 16, 36; 4:14, 36; 5:24, 39; 6:27, 40, 54, 68; 10:28; 12:25, 50; 17:2, 3; Atos 13:46, 48; Romanos 2:7; 5:21; 6:22, 23; Gálatas 6:8; 1 Timóteo 1:16; 6:12; Tito 1:2; 3:7; 1 João 1:2; 2:25; 3:15; 5:11, 13, 20; Judas 21.

pítulo em três pontos: 1) Sejam sábios (25:1–13); 2) Sejam fieis (25:14–30) e 3) Estejam preparados (25:31–46).

David Stewart

A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

(25:1–13)

Jesus era o supremo Mestre. A história das virgens prudentes e das virgens néscias, como todas as parábolas de Jesus, tinha uma mensagem que era verdadeira para a vida e tinha um objetivo significativo.

Em primeiro lugar, a parábola nos ensina que precisamos estar preparados (25:8). O ideia principal deste texto é “estar alerta” ou “vigiar”. Isto envolve antecipar o futuro.

Outra ideia importante na parábola é que certas coisas não se emprestam (25:9). Um relacionamento correto com Deus não é herdado nem emprestado; precisamos desenvolvê-lo por nosso próprio empenho. As virgens prudentes não devem ser acusadas por negarem o empréstimo do azeite às néscias. O raciocínio delas neste caso era sensato.

Uma última ideia relevantes no texto é que, uma vez perdidas, algumas coisas são irrecuperáveis (25:10–13). A oportunidade pode bater mais de uma vez, mas num dado momento ela bate pela última vez. Não devemos perder as oportunidades.

A COMISSÃO CRISTÃ

(25:1–13)

Jesus, por vezes, comparou-Se com um noivo (9:15; 25:1; João 3:29). Considerando que somos Seus servos, que tarefas fomos comissionados a realizar enquanto esperamos a chegada dEle? Vamos identificar quais são essas tarefas e cumpri-las com amor, obediência e fidelidade.

A comissão de Jesus aos cristãos é prioritária. Nada pode se igualar ou transcendê-la. Assim como Jesus entregou Sua vida e Seu sangue para a criação do evangelho, nós devemos nos entregar à propagação dele. Jesus agiu com benevolência, mas este não foi o principal propósito de Sua missão. Ele veio “buscar e salvar o perdido” (Lucas 19:10).

A comissão de Jesus aos cristãos é prática. Sua Palavra destaca como Ele quer que cumpramos a grande comissão, ou seja, o “ide e pregai”. Devemos: 1) evangelizar “todas as nações” (28:19), 2) edificar novos convertidos “ensinando-os a

guardar tudo o que [Jesus ordenou]” (28:20) e 3) equipar líderes para atuarem em cada congregação do povo do Senhor. Atos não menciona nada sobre prédios de igrejas ou pregadores locais remunerados, mas fala da nomeação de presbíteros em cada igreja (Atos 14:23), cultivando-se “Timóteos” (veja Atos 16:1–3) e enviando missionários (Atos 13:1–3).

A comissão de Jesus aos cristãos é perfeita. É impossível aprimorá-la. O plano de Jesus foi perfeito para a Sua igreja no momento em que foi comunicado e será perfeito para os Seus seguidores por toda a era cristã. A grande comissão de Jesus contém tudo o que é necessário a um missionário, pelo menos no que diz respeito à sementeira do evangelho. Vamos dar continuidade à missão que Jesus iniciou, assumindo-a. Se executarmos o Seu plano, Ele reforçará nossas palavras e feitos.

A comissão de Jesus aos cristãos é perpétua. O plano de Cristo está ao alcance de todo o tempo que resta para a humanidade aqui na terra. Jesus disse: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (28:20). Até que Jesus volte, vamos dar continuidade à Sua obra de propagar o evangelho, nutrindo os convertidos e equipando seguidores fieis a se juntarem a maior obra deste mundo.

Eddie Cloer

“VIGIAI” (25:13)

Se Jesus tivesse nos dito exatamente quando Ele viria, quem não se prepararia? Quantos teriam vidas pecaminosas até pouco antes da Sua vinda, mudando de estilo de vida somente depois que Ele voltasse? Como não sabemos quando Jesus voltará, devemos estar sempre preparados. Nas palavras de Jesus, precisamos “vigiar e orar, para que não entre[mos] em tentação” (26:41). Isto quer dizer que devemos ficar sentados à toa, esperando e vigiando os céus na expectativa da volta do Senhor? Jesus sabia que alguns fariam isto. Foi para evitar que isto acontecesse, que Ele apresentou a parábola dos talentos.

A PARÁBOLA DOS TALENTOS

(25:14–30)

A parábola dos talentos esclarece um mal entendido a respeito da volta do Senhor. Alguns cristãos do primeiro século pareciam crer que o Senhor voltaria logo depois de ter subido ao céu. Eles abandonaram seus empregos e as atividades

do cotidiano para dedicarem todo o tempo à oração, estudo e meditação. A parábola dos talentos mostra que esta atitude é inadequada.

“TALENTO” NA LINGUAGEM DE HOJE (25:14–30)

O termo “talento” veio a significar “capacidade, habilidade ou dom”; ou seja, a “capacidade” que um indivíduo possui concernente a sua aptidão e personalidade naturais. Uma pessoa pode possuir destreza musical, competências mecânicas ou capacidades matemáticas. Deus sabe que não possuímos o mesmo potencial, pois Ele nos fez diferentes uns dos outros (veja 1 Coríntios 12:12–31). Cada servo recebeu algo diferente, mas nenhum ficou sem receber nada. Não existem membros sem talento no reino de Deus. Cada um de nós deve descobrir seu próprio talento e usá-lo – ou o perderemos.

A concessão dos talentos na parábola nada tinha a ver com o nível de respeito, confiança ou amor do senhor para com os servos. A relação era com a capacidade de cada indivíduo. Será que o senhor confiou aos dois primeiros homens mais do que ao terceiro? Não, o senhor lhes confiou os talentos conforme suas respectivas capacidades máximas, e deu a cada um a responsabilidade que eles podiam assumir. Deus não exige que tenhamos todos o mesmo êxito, mas Ele espera que todos nós sejamos fieis.

A CENA DO JULGAMENTO (25:31–46)

Vamos refletir na cena do dia do julgamento: 1) o maior juiz que já presidiu estará lá (25:31); 2) a maior multidão já reunida estará lá (25:32); 3) o maior livro já escrito será aberto (Apocalipse 20:12); 4) a maior separação já feita acontecerá ali (25:32, 33) e 5) o maior veredito já emitido será ali pronunciado (25:34, 41, 46).⁴⁶

O MAIOR ENCONTRO RELIGIOSO DO QUAL NINGUÉM SE AUSENTARÁ (25:31–46)

As pessoas encontram muitas desculpas para não participarem de cultos de adoração. Nenhuma desculpa será aceita no grandioso encontro religioso descrito em Mateus 25:31–46 (veja João

⁴⁶Adaptado de um sermão de W. A. Bradfield, que lecionou na Universidade Freed-Hardeman, em Henderson, Tennessee e pregou como evangelista por muitos anos.

12:48; Romanos 14:12; 2 Coríntios 5:10). Todas as pessoas que já viveram na terra estarão presentes.

Jesus se sentará no Seu glorioso trono, cercado de anjos (25:31). Todas as nações estarão ali reunidas (25:32). O Rei presidirá como juiz, separando as ovelhas dos cabritos (25:31–33).

VIDA ETERNA OU CASTIGO ETERNO (25:34, 41, 46)

A cena do julgamento descrita na parábola das ovelhas e dos cabritos só culmina em dois resultados: vida eterna ou castigo eterno. Não há meio-termo nem uma terceira opção (como o suposto purgatório).

A vida eterna é retratada como uma recompensa para os justos (as ovelhas) que serviram obedientemente o Rei. Eles são verdadeiramente “abençoados” pelo Pai. Como herdeiros, “herdam” o reino celestial que foi preparado para eles desde o começo dos tempos. Também gozam de uma perfeita comunhão com Cristo e com Deus.

O castigo eterno é o destino dos perversos (os cabritos) que não obedeceram ao Rei. Em vez de serem “abençoados”, são “amaldiçoados”. Em vez de desfrutarem da comunhão com Cristo, são lançados para longe de Sua presença. São afastados de Deus e de tudo o que é bom. A parte que lhes cabe é um fogo eterno, que simboliza sofrimento e dor infinitos. São associados com o diabo, seus anjos e tudo o que é mau.

David Stewart

AJUDA AOS IRMÃOS (25:40)

Na parábola das ovelhas e dos cabritos, Jesus enfatizou a assistência aos outros que estão dentro do corpo de Cristo (“estes meus pequeninos irmãos”). Essa benevolência era evidente entre os primeiros cristãos em Jerusalém. Devido à abundante generosidade desses cristãos, “nenhum necessitado havia entre eles” (Atos 4:34).

Embora devamos dar preferência aos amigos cristãos, isto não elimina nossa responsabilidade de ajudar os que estão fora de Cristo. Paulo escreveu: “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a *todos*, mas principalmente aos da família da fé” (Gálatas 6:10; grifo meu). Servir as necessidades físicas de não-cristãos pode abrir portas para ajudá-los espiritualmente.

David Stewart